

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

RIBEIRO, Manoel Pinto. *O novo acordo ortográfico – soluções, dúvidas e dificuldades para o ensino*. (Rio de Janeiro, Metáfora Edit., 2008, 128 pp. + apêndice com 8 pp.)

Antônio Martins de Araújo
(Presidente da ABRAFIL)

Louvável, a todos os títulos, a publicação da obra epigrafada, de autoria do gramático e ortógrafo Manoel Pinto Ribeiro. No tocante ao tema, ela aponta “Soluções, dúvidas e dificuldades para o ensino”, diz “o que foi alterado”; traz “exercícios com respostas” em separado e, sempre objetivamente, historia os acordos ortográficos entre os países lusófonos.

Desde 1976, o autor desse oportuno guia ortográfico vem enriquecendo a pedagogia de nosso idioma com sucessivas reedições de sua atualizada e enriquecedora *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. Isto porque, além da minuciosa exposição e exemplificação das regras que orientam as normas e os padrões do português do Brasil, ocupa-se da Lingüística Textual, da Teoria da Comunicação, da Sociolingüística, da Semântica, da Estilística, da Variação Lingüística, da análise de textos e da redação oficial.

Sobre as obras congêneres que a antecederam, traz a vantagem de oferecer exaustivos exercícios de aplicação das regras ortográficas do ponto de vista da atual sincronia da língua, o que possibilita a seus usuários uma atualização mais do que oportuna em face dos inúmeras cacografias dos anúncios espalhadas ao nosso redor e das injúrias à ortoepia e à prosódia da mídia radiofônica e televisiva.

No emprego do hífen - uma séria dificuldade para os usuários -, não há uma regra que explicita seu uso na combinação do prefixo *sub-* com palavras iniciadas por *b*, como em *sub-bibliotecário*, mas impõe-se lembrar que figuram, nos vocabulários oficiais, quase duas dezenas com essa notação léxica.

No trabalho do autor, verifiquem-se as abrangentes “Formas de representar o fonema /s/ (=sê).” Ao incluir a palavra *exsudar* entre elas, o professor Manoel preferiu registrar a pronúncia popular, que vai gradativamente excluindo do uso corrente a pronúncia recomendada por alguns foneticistas. Foi o caso de Antenor Nascentes, que, no seu Dicionário da Língua Portuguesa “submetido à Academia [Brasileira de Letras] para as devidas alterações, editado em quatro alentados volumes entre os anos de 1961 e 1967, recomendava a pronúncia de /š/ para o grafema <x> antes do s de palavras como *exsic(-ação, -ante, -ar, -ativo)*, *exsuar*, *exsucção* e *exsud(-ar, -ato, -ação)*.

Lúcida e procedente, a análise contrastiva das consoantes implosivas em posição medial, realizada por brasileiros e por portugueses. Assim é que uma palavra

como *recepção*, cujo *p* é pronunciado com nitidez por nós, brasileiros, simplesmente é silenciado pelos nossos irmãos lusitanos, que a pronunciam [résé'sãw], vocábulo este que, no Brasil, significa crise econômica e desemprego, e não, comemoração festiva.

Também muito procedente é a perplexidade do autor diante da heterogeneidade dos critérios adotados pelos órgãos decisores do Acordo em relação ao uso do hífen. Veja-se, a respeito, o que dissemos — o Dr. Toru Maruyama e eu -, em nosso ensaio *Portuguese Hyphenation*. Ele foi pela primeira vez editado no periódico *ACADEMIA*, da Nanzan Academic Society, n.º 49, de setembro de 1990.

Nesse ensaio, provamos bastamente que, tanto no Brasil, como em Portugal, foge o hífen do controle/controlo de qualquer tipo de escritor, não só pela complexidade de suas regras, mas também pela incongruência delas. Nos periódicos de cá como de lá, figuram os mesmos derivados prefixais ora com hífen, ora sem hífen (pasmem!) no corpo de um mesmo artigo.

No tópico das grafias duplas, convém recordar que, pelo menos em Portugal, *facto*, com *c* medial implosivo, significa acontecimento, evento, e tem carga semântica diversa de *fato* sem aquele *c*, significando roupa, móveis, bens; manada, intestinos [prov.]; bando, quadrilha (prov.). No Brasil, significa vísceras de gado. Em Macau, e restante Índia de colonização lusitana, simplesmente significa bagagem. Para o que dissemos aqui, confira-se, por exemplo, a segunda edição atualizada do *Diccionario contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1925).

Sobreleva lembrar ainda que as palavras primitivas são mais submetidas à ação do tempo através de mudanças fonéticas, do que as derivadas. Assim, enquanto a implosiva medial /p/ é silenciada em *Egito*, mantém-se em *Egipciaca*, *Egiptologia*, etc.

A respeito do timbre das vogais tônicas *a*, *e*, *o*, das palavras paroxítonas (vd. p. 95, § 7), advirta-se que o vocábulo espelho em Portugal pronuncia-se [iš'pâlu], centralizando-se em /â/ fechado tônico aquele grafema <e>, quer esteja entre consoantes, como em *espelho*, *vejo*, e *desejo*; quer como base do ditongo /êi/, como em *beijo*.

Noutro ponto, em face de não possuírem o mesmo peso semântico, como nos demais exemplos ali citados, cremos não haver simples alografia entre a palavra *sobre-saia*, com hífen, significando uma parte da roupa, e *sobressaia*, do verbo *sobressair*.

Enfim, as poucas achegas aqui trazidas não nos impedem de declarar que este mais recente ensaio sobre nossa ortografia, de autoria do acadêmico Manoel Pinto Ribeiro é, entre nós, que saibamos, uma das mais completas e variadas obras ora ao alcance do grande público. Vazada em linguagem direta e transparente, é obra imprescindível a todos aqueles que se propõem produzir textos escritos de qualquer natureza.